

APRESENTAÇÃO

Um inventário de *bits* e *bytes*: porque o ensino de História não é um museu de grandes novidades

*An Inventory of Bits and Bytes: Because History
Teaching is not a Museum of Great News*

Arnaldo Martin Szlachta Junior*

Oswaldo Rodrigues Junior**

Wilian Junior Bonete***

O ensino de História tem se consolidado, no Brasil, como um campo investigativo marcado por uma pluralidade de temáticas, conceitos e abordagens. Se olharmos para os trabalhos e materiais já publicados nos anais dos diferentes eventos da área, bem como no acervo da *Revista História Hoje*, iremos perceber que não se trata apenas de práticas ou metodologias de ensino, mas também dos fundamentos teórico-metodológicos que embasam a prática da pesquisa sobre o ensino e a aprendizagem da História. Na última década, as produções acerca do ensino de História e as tecnologias ganharam destaque, sobretudo mediante a consolidação dos debates sobre as Humanidades Digitais e a História Digital.

As relações entre as tecnologias digitais e o ensino de História não são novidades. No entanto, foram profundamente alteradas com o advento da internet e das mídias digitais. As práticas escolares, em particular as de ensino de História, são perpassadas pela realidade tecnológica e, a despeito da exclu-

* Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil. arnaldo.szlachta@ufpe.br <<https://orcid.org/0000-0001-5839-8224>>

** Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil. osvaldo.rjunior@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0001-7418-9705>>

*** Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil. wilian.bonete@ufpel.edu.br <<https://orcid.org/0000-0003-0971-4192>>

são digital que ainda persiste no Brasil, consideramos a existência de uma cultura digital (NOIRET, 2015) que exerce um papel preponderante nas formas de comunicar e apreender o saber histórico.

Um importante ponto a se destacar é que a pandemia ocasionada pelo Sars-CoV-2 impulsionou inúmeros professores – e pesquisadores – a integrarem suas práticas ao ambiente digital. Como um dos resultados, notamos o surgimento de vários trabalhos e reflexões sobre as experiências de ensino nos tempos remotos e as possibilidades metodológicas relacionadas às tecnologias digitais.

Por outro lado, entendemos que, neste momento, marcado pelo retorno das aulas presenciais nas escolas e universidades, se faz necessário ampliar o olhar sobre os novos desafios que se apresentam ao ensino de História e a importância de não minimizarmos ou deixarmos de lado os ganhos adquiridos com as transformações digitais. Uma das propostas elencadas para este dossiê foi justamente a criação de um espaço para o compartilhamento de narrativas, experiências e vivências do ensino e da pesquisa através das lentes das tecnologias digitais.

Nessa direção, as discussões em torno das Humanidades Digitais nos fornecem referências para pensarmos a produção, a apropriação e os usos das tecnologias digitais no ensino de História. Pautados numa abordagem interdisciplinar, os estudos realizados nesse campo (SCHREIBMAN; UNSWORTH; SIEMENS, 2008) preocupam-se com o acesso, a difusão e a divulgação do conhecimento através das plataformas digitais. (TELLES, 2017). Tais discussões nos permitem, por exemplo, compreender as preocupações que fundamentam a produção e a circulação de mídias *podcast* que contribuem para a divulgação científica de conhecimentos e conteúdos históricos para um público mais amplo, além dos pares. Também é possível analisar as possibilidades de trabalho com as redes sociais, tais como o *Instagram* ou *Facebook*, ou discussões a partir de projetos que envolvem websites, aplicativos, objetos digitais ou o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) nas práticas de ensino e aprendizagem histórica.

No caso específico da pesquisa histórica, a abordagem da História Digital ganhou certa notoriedade por fornecer caminhos interpretativos para as novas

relações que investigadores e professores estão desenvolvendo em relação aos modos de fazer, pesquisar e ensinar História. Acerca disso, um dos pontos centrais refere-se aos caminhos para a disponibilização e o acesso das fontes analógicas nos espaços digitais, a chamada “dataficação” (AYERS, 2001), bem como a própria produção de novas fontes (NAPOLITANO, 2008).

Fábio Chang de Almeida (2022) comenta que dentre as vantagens da História Digital, destaca-se o seu potencial para o armazenamento de dados, a facilidade de acesso aos textos e documentos, sob diferentes formatos, bem como a interatividade entre os usuários e as fontes, assim como a facilidade pelas condições do hipertexto e a web 2.0. Todavia, o autor aponta para a necessidade de se observar e tomar alguns cuidados, pois os materiais disponíveis no âmbito digital nem sempre apresentam boa qualidade, há um caráter volátil das documentações e necessidade da constante avaliação da autenticidade das fontes, uma vez que são comuns as falsificações de agências de notícias, perfis em sites e demais comunidades virtuais.

Para o campo do ensino de História, avaliamos que a História Digital fornece importantes referências para o desenvolvimento de uma aprendizagem histórica com sentido, quais sejam, a dimensão da criação de produtos digitais, a práticas da *cultura maker* das Humanidades Digitais, o entendimento da História escolar calcada na vida cotidiana e que considera as transformações e influências da cultura digital, bem como o entendimentos sobre as redes e algoritmos e os seus impactos na formação da consciência histórica dos sujeitos em sociedade. As possibilidades do entroncamento dessas ideias e conceitos são múltiplas, porém, as reflexões são necessárias no intuito de escaparmos da armadilha do pensamento de que as Humanidades Digitais e o ensino de História Digital constituem um “museu de grandes novidades” e para que se estabeleçam novas experiências de ensino, produções digitais e o fazer historiográfico na sala de aula.

As dimensões aqui relacionadas perpassam a construção de cada um dos artigos que compõe este dossiê, o qual intitulamos “O Ensino de História na ponta dos dedos: tecnologias, narrativas e vivências”. Os autores e autoras nos apresentam diferentes abordagens, interpretações e instigantes experiências acerca do uso das tecnologias digitais, advindas de análises gestadas no campo do ensino de História e suas outras interfaces. O entendimento da História Digital assumida no âmbito deste dossiê nos permite ir além da noção de que

as tecnologias são apenas ferramentas de transposição de fontes, objetos e métodos analógicos para o digital. Conforme Giliard Prado (2021), há um caráter digital nas experiências, atividades e interações humanas, o que inclui as práticas relativas à pesquisa, ao ensino e à difusão do conhecimento histórico, continuando, assim, alguns dos fatores que definem o campo em questão. Desse modo, argumentamos que as tecnologias digitais devem ser potencializadoras dos processos da aprendizagem histórica, da construção do pensamento histórico escolar e da sua disseminação e publicização como um vértice da cultura digital.

O artigo de abertura do dossiê possui o título “Diálogos latinoamericanos sobre problemas socialmente vivos: narrativas y experiencias en contextos de virtualidad”, de Miguel Angel Jara. O autor nos apresenta uma instigante experiência sobre o projeto *Clase Espejo*, um dispositivo que permitiu o encontro entre professores e alunos, das ciências sociais e humanas, em diferentes cidades de Argentina, Brasil, Chile, Costa Rica, Peru e México, e que abriu espaços para a discussão e a problematização dos temas socialmente vivos na América Latina. Conforme o autor, o projeto, desenvolvido no contexto da pandemia da Covid-19, possibilitou pensar a educação e a formação na perspectiva do diálogo e do questionamento sobre os problemas sociais da América Latina, principalmente a partir do método dialógico advindo das reflexões e propostas críticas e libertárias promovidas por Paulo Freire.

Em “Pensamento histórico e cultura digital: desafios e experiências na formação de professores”, Éder Cristiano de Souza nos apresenta um conjunto de análises sobre as possibilidades do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) na formação dos futuros professores de História. Para tanto, o autor toma por base as experiências oriundas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no intuito de refletir sobre uma concepção de pensamento histórico que conduz à ideia de uma aprendizagem com foco no domínio e na mobilização de determinados princípios, conceitos e operações ligados à construção, representação e usos do conhecimento histórico em suas relações com a cultura digital e as tecnologias digitais no processo da formação inicial de professores de História.

No artigo “O Quilombo da Tia Eva na web: Ensino de História e Educação Antirracista”, Manuela Areias Costa e Jorge Robeiro Diacópulos nos apresentam uma discussão sobre o projeto que permitiu a criação do *website*

“Comunidade Quilombola Tia Eva”, dedicado ao ensino de História e cujo objetivo é permitir a visibilidade ao protagonismo negro e quilombola no estado de Mato Grosso do Sul, com ênfase na Comunidade Quilombola Tia Eva, localizada no município de Campo Grande. Além disso, destacam o didático (o website) enquanto uma ferramenta pedagógica que oferece variados recursos digitais voltados para o ensino, e que contribui para o combate ao racismo no campo educacional.

Já Luana Carla Martins Campos e Akinruli Martha Rebelatto nos apresentam o artigo “Desafios e aprendizagens no ensino de História em tempos de pandemia: uma experiência de interdisciplinaridade com a Pré-ONHB”, cujo objetivo central é refletir, por meio de dados quantitativos e qualitativos, as ações didáticas implementadas no ambiente de ensino à distância durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e as mobilizações de tecnologias diversas e reformulações didáticas. As análises foram construídas a partir da experiência da participação dos alunos do ensino médio técnico-integrado do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Betim (IFMG) na Pré-Olimpíada Nacional em História do Brasil (Pré-ONHB) ocorrida no primeiro semestre de 2020. Conforme as autoras, debate as ações didáticas que foram empreendidas pelas docentes responsáveis pela disciplina de História, para a promoção de diálogos em relação aos conhecimentos, competências e habilidades específicas ao saber histórico e ao uso das tecnologias.

Na sequência do dossiê, George Leonardo Seabra Coelho, Luiz Silva Gustavo Martins da Silva, Talita Seniuk e Thálita Maria Francisco da Silva problematizam as orientações presentes nos manuais didáticos para o uso das tecnologias em sala de aula no artigo “Entre o esperado e o real: tecnologias digitais, ensino e manuais didáticos de história”. Partindo do conceito de “cultura da convergência”, os autores e autoras propõem uma análise dos manuais didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), de História dos anos finais do Ensino Fundamental. Os resultados nos indicam uma pluralidade de formas de apresentação das orientações nos manuais didáticos. Dessa forma, os autores e autoras evidenciam orientações superficiais, equilibradas, consolidadas e obrigatórias, que demonstram que ainda há um longo caminho a percorrer na relação entre os manuais didáticos e as tecnologias digitais.

Ângelo Emílio da Silva Pessoa, no artigo “O lugar das “velhas” metodo-

logias no mundo das novas tecnologias: tradição, inovação, ensino e pesquisa em História”, se propõe a analisar o uso de *Powerpoints* e conteúdos publicados em blogs desenvolvidos para aulas de história. De forma mais específica, o autor relata uma experiência de uso de documentação digitalizada manuscrita do século XIX, constante do acervo da Câmara Municipal de João Pessoa. No texto o autor discute a dicotomia entre o “velho” e o “novo” nas metodologias do ensino de História. Como resultados, apresenta os conteúdos produzidos pelos estudantes nos blogs. Em síntese, o autor indica a importância de nos apropriarmos das tecnologias no fazer historiográfico e didático.

No artigo “Metodologias ativas, ensino de história e o uso da mídia *podcast*: mobilizando saberes para além do espaço escolar”, João Paulo de Oliveira Farias e Sônia Meneses discutem a possibilidade de utilização das tecnologias na produção e na difusão de conteúdos históricos, com foco nos podcasts. O artigo apresenta resultado de dissertação defendida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). A experiência desenvolvida em Guaraciaba do Norte-CE contou com a participação de alunos dos 2^{os} anos do Ensino Médio. Os resultados permitiram observar o engajamento dos estudantes no uso dos podcasts atingindo o “protagonismo juvenil”. No entanto, o autor e a autora indicam que as TDCIs não podem ser entendidas na direção do solucionismo, mas sim como uma possibilidade de construção de histórias outras.

Felipe Augusto Ribeiro, no artigo “História Medieval no Instagram: relatos iniciais de um experimento em curso (2021-2022)”, problematiza as atividades do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Medievais (LEME) no Instagram. Partindo do diálogo entre a História Pública e as mídias digitais, o pesquisador apresenta o método e analisa os dados do Instagram do LEME. Os resultados indicam o potencial do trabalho conjunto de pós-graduandos e professores de História da Educação Básica e o alcance obtido pelos conteúdos históricos divulgados no Instagram do LEME. Contudo, ressalta que a experiência tem demonstrado um engajamento daqueles que estão dedicados ao projeto, ainda à espera do engajamento dos públicos mais amplos.

Em “Ensino de História em tempos de pandemia”, Júlio Cesar Virgínio da Costa e Andreia de Assis Pereira apresentam um relatório de experiência de dois docentes de um Colégio de Aplicação de uma Universidade Federal no contexto do ensino remoto emergencial. A partir de relatos de discentes, o pes-

quisador e a pesquisadora apresentam as percepções daqueles que mais sofreram os impactos da pandemia de Sars-CoV-2. O uso do ambiente de aprendizagem virtual (AVA) Moodle também foi avaliado, o que resultou em um conjunto de dinâmicas e problemáticas individuais e coletivas dos estudantes. O artigo ainda mapeou os usos da internet por parte dos estudantes indicando a sua presença em plataformas como o *Youtube* e redes sociais como o *Instagram*. De forma esperançosa, o pesquisador e a pesquisadora destacam as potencialidades das tecnologias na ampliação de debates sobre os conteúdos históricos, mas também, por que não, enquanto espaços de tomada de consciência sobre os problemas sociais contemporâneos.

No contexto das produções, apresentamos a entrevista realizada com Sara Dias-Trindade – professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal –, intitulada “Ensino de História e Humanidades Digitais: perspectiva e possibilidades potencializadoras para a aprendizagem histórica”, e também as resenhas dos livros: *História, tecnologias digitais e mobile learning: ensinar História na era digital* (TRINDADE; CARVALHO, 2019) e *Museus virtuais e jogos digitais: novas linguagens para o estudo da História* (ALVES; TELLES; MATTA, 2019).

Esperamos que, mediante as reflexões trazidas a público com este dossiê, possamos olhar para as tecnologias digitais não apenas como meras ferramentas pedagógicas para o ensino, mas sim como linguagens de ação que possibilitam o estabelecimento de articulações do ensino de História com as Humanidades Digitais, a História Digital e a formação do pensamento histórico. Boa leitura.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fábio Chande de. Internet, fontes digitais e pesquisa histórica. In: BARROS, José D’Assunção (org.). *História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p. 101-120.
- ALVES, Lynn R. G.; TELLES, Helyom Viana; MATTA, Alfredo E. R. (orgs.). *Museus virtuais e jogos digitais: novas linguagens para o estudo da história*. Salvador: EDUFBA, 2019.
- AYERS, Edward L. The pasts and futures of digital history. *History News*, v. 56, n. 4, p. 5, 2001.

- NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes históricas*. 2ª Ed., São Paulo: Contexto, 2008.
- NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. p. 28-51, maio 2015.
- PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. *Revista Tempo & Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. 1-35, set./dez., 2021.
- SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John (Ed.). *A companion to digital humanities*. John Wiley & Sons, 2008.
- TELLES, Helyom Viana. História digital, sociologia digital e humanidades digitais: algumas questões metodológicas. *Revista Observatório*, Palmas, v. 3, n. 5, p. 74-101, ago. 2017.
- TRINDADE, Sara Dias; CARVALHO, Joaquim Ramos de. *História, tecnologias digitais e mobile learning: ensinar História na era digital*. Coimbra: Editora Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

